
Visibilizando o protagonismo indígena: um esboço do trabalho de Cíntia Guajajara, Nhenety Kariri-Xocó, Nek'i Sateré-Mawé e Júlio Kamêr Apinajé

Making indigenous protagonism visible: an outline of the work of Cíntia Guajajara, Nhenety Kariri-Xocó, Nek'i Sateré-Mawé and Júlio Kamêr Apinajé

Elizabete Costa Suzart
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)
Alagoinhas-Brasil

Denize de Souza Carneiro
Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)
Santarém-Brasil

Resumo: Este artigo pretende visibilizar o protagonismo de Cíntia Guajajara, Nhenety Kariri-Xocó, Nek'i Sateré-Mawé e Júlio Kamêr Apinajé no trabalho de fortalecimento de suas línguas e culturas. Trata-se de um relato das estratégias/ações adotadas frente aos desafios que impactam o fortalecimento etnolinguístico. Para sua elaboração tomamos por base as comunicações feitas no fórum Bilinguismo Indígena da Uneb (2022), os textos de autoria dos referidos protagonistas e as informações resultantes da nossa interação informal com eles. Essas trajetórias de trabalho reúnem elementos que nos possibilitam refletir sobre o potencial indígena na produção de conhecimentos sobre seus povos, nas inovações didáticas, ancoradas em suas cosmologias, além de fazer conhecer os problemas que mais impactam o seu modo de vida, o que justifica sua documentação.

Palavras-chave: Protagonismo indígena; Línguas e Culturas indígenas; Educação Indígena.

Abstract: This article aims to highlight the leading role of Cíntia Guajajara, Nhenety Kariri-Xocó, Nek'i Sateré-Mawé and Júlio Kamêr Apinajé in the work of strengthening their languages and cultures. This is a report of the strategies/actions adopted in the face of challenges that impact ethnolinguistic strengthening. For its preparation, we based the work in the communications made during the Uneb Indigenous Bilingualism forum (2022), the texts authored by the aforementioned protagonists and the information resulting from our informal interaction with them. These work trajectories bring together elements that allow us to reflect on the indigenous potential in the production of knowledge about their people, in didactic innovations, anchored in their cosmologies, in addition to bringing awareness the problems that most impact their way of life, which justifies their documentation.

Keywords: Indigenous protagonism; Indigenous Languages and Cultures; Indigenous Education.

1. Introdução

Este relato tem o propósito de fazer conhecer estratégias e ações protagonizadas por indígenas, em prol do fortalecimento das suas línguas e culturas, um movimento de luta constante, mas que é bastante invisibilizado. Faremos isso, apresentando o significativo trabalho de quatro lideranças indígenas, quais sejam: Cíntia Guajajaraⁱ, Nhenety Kariri-Xocóⁱⁱ, Nek'i Sateré-Mawéⁱⁱⁱ e Júlio Kamêr Apinajé^{iv}.

A motivação para fazer conhecer e visibilizar esses protagonistas e seus trabalhos foi a sua relevante participação no “Fórum Bilinguismo Indígena no Brasil”, um evento online realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural (Pós-Crítica), da Universidade Estadual da Bahia (UNEB), Campus II, Alagoinhas (BA), realizado no período de 17 de maio a 07 de julho de 2022, por meio de 15 lives^v. O objetivo desse fórum se coaduna ao deste texto, uma vez que buscou promover a diversidade linguístico-cultural do Brasil, focalizando a realidade atual das línguas e dos etnoconhecimentos dos povos originários. As falas foram feitas por indígenas e por indigenistas, os quais foram convidados a compartilhar (experiências, conhecimentos, cantorias e outros), refletir, problematizar, experimentar, cantar, promovendo interação e enriquecimento mútuo entre os envolvidos.

As comunicações (textos orais/escritos) do fórum “Bilinguismo Indígena no Brasil” são parte de nossas fontes de dados para elaboração do presente trabalho, particularmente, as de Cíntia Guajajara, Nhenety Kariri-Xocó; Nek'i Sateré-Mawé e Júlio Kamêr Apinajé. Somados a essa fonte, lançamos mão de textos orais e escritos, de autoria desses indígenas e de outros autores que trazem informações sobre o trabalho deles, além de vídeos e cantorias. É importante elucidar que algumas informações apresentadas são baseadas em textos orais, resultantes de interações informais, tanto no contexto da organização do fórum quanto da nossa convivência com alguns deles (indígenas protagonistas), o que consideramos de grande riqueza e que muito nos agrada documentar.

Em forma de relato, apresentamos, parcialmente, quatro trajetórias de trabalho dedicadas ao fortalecimento etnolinguístico, as quais estão organizadas do seguinte modo: na primeira seção, trazemos a trajetória de Cíntia Guajajara, da Terra Indígena (T.I.) Arariboia, localizada no Estado do Maranhão; na segunda, apresentamos um pouco do trabalho de Nhenety do povo Kariri-Xocó do Estado de Alagoas; na terceira, fazemos um

panorama do trabalho de Nek'i do povo Sateré-Mawé, habitante da T.I Andirá-Marau, situada na fronteira do Estado do Amazonas com o Pará; na quarta seção, apresentamos parte do trabalho protagonizado por Júlio Kamêr, do povo mais conhecido como Apinajé, habitante da T.I. Apinajé, situada no Estado do Tocantins.

2. Cantando para não esquecer^{vi}: Cíntia Guajajara e a força da sua cantoria

Cíntia Guajajara, com o nome civil de Cíntia Maria Santana da Silva, é uma das mais respeitadas lideranças indígenas do Brasil, que adotou o canto como estratégia de fortalecimento etnolinguístico. Ela é professora, graduada pela Universidade Federal de Goiás (UFG) em Educação Intercultural. Juntamente com a filha, Marina Cintia da Silva Guajajara – nome indígena, Tuíra Guajajara –, promove atividades voltadas para a valorização da língua Tenetehára (falada pelos Guajajara) no contexto da escola formal, transmitindo saberes tradicionais por meio de cantos e ritos sagrados às crianças e aos jovens do seu povo.

Com a intenção de manterem vivos e circulando os saberes da tradição, Cíntia iniciou a “formação” do seu primeiro neto nesses saberes. Começou dando-lhe um nome em Tenetehára - *Mawiray*, originário de *Ma'ir*, “aquele que é origem de todas as coisas” -, como forma de valorização e respeito aos nomes indígenas, uma prática não muito utilizada, em função da pressão e do preconceito da sociedade nacional contra os nomes indígenas. Para ela, esses nomes carregam significados muito importantes. Eles determinam missões/funções, como de liderança, por exemplo, que nem todos podem assumir. Por isso, escolheu os nomes indígenas de seu povo como tema do seu trabalho de conclusão do curso de magistério indígena, tendo em vista uma retomada dos nomes como aspecto característico do seu povo.

Para potencializar esse trabalho de valorização etnolinguística, Cíntia preparou seu neto para ser mestre de ritual, ou seja, “para ser um cantor da tradição, uma liderança”; para ser “o dono da festa”, uma função de valor muito especial para os Guajajara. Hoje, ele é um preparador de jovens e exerce essa função a partir dos saberes do seu povo, assim como ela fez.

Para se tornar uma referência na cultura ancestral, Cíntia precisou se dedicar muito e observar os detalhes. Por exemplo, às nuances de sentido na maneira de cantar e de pronunciar as palavras da língua, assim como os modos de executar essa prática, com o intuito de transmitir os saberes incutidos nas cantorias e incentivar a valorização e a prática

Visibilizando o protagonismo indígena: um esboço do trabalho de Cíntia Guajajara, Nhenety Kariri-Xocó, Nek'i Sateré-Mawé e Júlio Kamêr Apinajé

dos rituais mais importantes da comunidade. Ela acredita que, somente passando pelos rituais, os jovens podem adquirir a responsabilidade de passá-los adiante. O canto é uma forma de fortalecimento cultural. Os rituais são formas de manter aspectos característicos do povo. São eles, os rituais, que dizem quem são os Guajajara.

Cíntia reconhece todos os valores culturais do seu povo nas cantorias e canta-as com muita alegria e vigor. Talvez, por isso, o seu cantar alcança outros povos. Eis, abaixo, um exemplo de canto entoado por Cíntia. Seu conteúdo faz referência aos enfeites usados no ritual de passagem da “menina-moça”, referindo-se à plumagem da arara vermelha (informação oral, obtida em conversa informal com Cíntia Guajajara, em 22 de agosto de 2022.).

Arar ‘arara fêmea’
Wyzay piràpiràng iko ra’e
Wyzay piràpiràng iko ra’e

Arar he, he, he, he, he
Arar he, he, he, he, he
Wyzay piràpiràng iko ra’e
Wyzay piràpiràng iko ra’e

Arar he, he, he, he, he/Arar he, he, he, he, he
(Duarte et al, 2018, p. 115)

Cíntia diz que a licenciatura em Educação Intercultural ampliou seu olhar sobre a realidade das línguas indígenas: em geral, muito enfraquecidas e sem ações do Estado para fortalecê-las. No que diz respeito ao Tenetehára, língua que fala e na qual canta, sente a necessidade da criação de regras e convenções de escrita, sem desconsiderar os estudos da variação e da mudança linguística, para potencializar a alfabetização e o letramento não só para os indígenas em idade escolar e professores/gestores, mas também para todos os membros da comunidade, como caciques, agentes de saúde e outros. Diz ainda que seus parentes devem ajudar no fortalecimento da língua, falando-a, escrevendo-a, cantando-a, pois sem a língua nativa fica difícil manter a essência do conhecimento ancestral. A língua está no ritual, no canto, nos modos de ser Guajajara, portanto, todos devem se preocupar em “manter vivos os rituais sagrados e tudo o que faz parte das celebrações. [Isso] é extremamente importante [porque] é a língua viva” (Guajajara, 2022).

Para Cíntia, os saberes culturais têm poder de cura. No povo dela, a cura pelos cantos é realizada na posse do *maracá*^{vii} e na vivência dos desejos dos ancestrais, como a conservação da natureza e de tudo que ela comporta. Não por acaso, a garantia dos

territórios é uma pauta sempre levantada pelas lideranças indígenas. “Sem o território demarcado não tem vida, não tem alimentação, não tem canto” (Guajajara, 2022). É pelo bem-viver do seu povo, pela vida de todos os seres (visíveis e invisíveis), que Cíntia segue cantando, tantas vezes forem necessárias para não esquecer a originalidade dos saberes tradicionais.

2. Nhenety^{viii} Kariri-Xocó (KX) e seu devir de tradicionalista

Nhenety KX é o nome indígena de José Nunes de Oliveira, um importante pensador e pesquisador da língua Kariri^{ix}, usada pelo seu povo, a qual se encontra com status de língua morta (Kariri-Xocó *et. al*, 2020) em diversos trabalhos.

Com mais de 30 anos dedicados à documentação linguístico-cultural KX, na comunidade e nos livros, Nhenety KX reclama o desejo do seu povo de reconhecimento da presença da língua indígena na vida da comunidade e propõe a pesquisa e o registro dela como ações para fortalecê-la. Além disso, considera necessário produzir conhecimentos que circulem entre não indígenas, como contraproposta ao processo de silenciamento linguístico-cultural. Ele tem ciência que a história do seu povo é como a de tantos outros da costa brasileira, marcada pelo epistemicídio, etnocídio e silenciamento linguístico, cujas informações detalhadas recebeu de anciões de sua comunidade, os quais são fontes de inspiração e saberes que alimentam o corpo e a alma e levam-no a contribuir com a reescrita da história Kariri-Xocó.

A partir de conhecimentos dessas enciclopédias vivas (como dizem alguns indígenas, referindo-se aos sábios do povo) e de registros encontrados em diversas bibliotecas Brasil afora, Nhenety KX organizou, a partir de 1986, grupos de cantos nativos, denominados *Toré* (“som sagrado” em Tupí antigo), e, de 1988 em diante, decidiu tirar a cultura e a língua do seu povo da invisibilidade (Suzart, 2020), fazendo serem conhecidos pelos registros (escritos^x/orais) e ações que ele realiza, como as de cantos nativos^{xi}. Uma demonstração desse trabalho é o canto *Kariri-Xocó Beté* (“*Toré* na beira do rio Opara”), evidenciando a alegria e a vivacidade do cantar KX, que apresentamos no quadro 1, juntamente com a tradução para o português, feita por Nhenety KX.

Quadro 1: *Kariri-Xocó Beté* (“*Toré* na beira do rio Opara”)

Toré em Kariri-Xocó	Toré em Português
Kariri-Xocó Beté	Kariri-Xocó chegou
Beté Aiby Wonhé	Chegou pra cantar
Torá Aiby Chii Fulkaxó	Toré dos Fulni-ô com Kariri-Xocó
Beté Aiby Wonhé	Chegou pra cantar

Visibilizando o protagonismo indígena: um esboço do trabalho de Cíntia Guajajara, Nhenety Kariri-Xocó, Nek'i Sateré-Mawé e Júlio Kamêr Apinajé

Kariri-Xocó Beté Beté Aiby Wonhé Mo Bé Aiby Chii Cro Opara Beté Aiby Wonhé	Kariri-Xocó chegou Chegou pra cantar Na beira do rio Opara Chegou pra cantar
---	---

Fonte: Kariri-Xocó (2019).

Nhenety KX teve formação em Psicopedagogia para ser professor de Geografia, História, Língua e cultura indígena (no ano 2000). Também adquiriu experiências na contação de histórias e mitos, completando o seu dever de tradicionalista. Com essa importante bagagem de conteúdo e experiência, idealizou o Projeto Pedagógico “Pajé Francisco Queiroz Suira” (Suzart, 2020), implementado na escola da sua aldeia, por meio do qual foram realizadas atividades de ensino da língua Kariri e pesquisas sobre o seu vocabulário. Dessa experiência, nasceu a Organização Não Governamental (ONG) “Águia Dourada” com sede na cidade de Portão-Lauro de Freitas (BA) que, possibilitou a realização de diversas ações para o fortalecimento etnolinguístico.

Com o advento da internet, Nhenety KX potencializou as ações e proporcionou maior interação comunicativa entre os indígenas do Nordeste do Brasil (principalmente, do Sul da Bahia) por meio da criação e implementação de projetos digitais. Desse contexto, nasceu a ONG *Thydewa*^{xii}, da qual é cofundador e com a qual contribui ativamente, conforme suas palavras:

Em 2006 criei e coordenei o Projeto Arco Digital, um blog dos Índios On Line através do qual mais de 100 indígenas de diferentes etnias do Brasil fizeram parte. Neste trabalho, foram publicadas mais de 230 matérias de minha autoria e dentre elas, cerca de 40 eram com tema “Toré na língua Kariri-Português”. A partir daí comecei a transcrever os cantos de Toré dos acervos para o blog Arco Digital. (Nhenety KX in Suzart, 2020, p.175-176).

Nhenety KX possui um canal na plataforma *YouTube* com mais de 50 vídeos, cujos conteúdos são sobre as atividades com os grupos de cantos nativos (*Toré*), sobre as histórias mitológicas, a medicina da mata e temas diversos das culturas indígenas. Sua metodologia é a “fogueira digital”, inspirada pela fogueira tradicional, ao redor da qual os indígenas se encontram para celebrar e/ou realizar alguma atividade cultural, porém, na fogueira digital, os encontros são no *ciberespaço*, pois, como dizem muitos indígenas, o computador, o celular conectados na internet são usados como ferramentas para buscar soluções, além, é claro, de contribuírem com a desconstrução de estereótipos como “índio que é índio não usa celular”, dentre outras ideias equivocadas.

Em suas interações conosco, embora enfatize as ações, Nhenety KX não deixa de mencionar os desafios que ele, seu povo e os demais indígenas enfrentam. De maneira geral, menciona ausência de prioridade no estudo das línguas nativas, assim como em tudo que envolve os povos originários. Ele aponta algumas ações como urgentes, a saber: (i) realização de estudos sociolinguísticos para mapear a situação das línguas; (ii) incentivo à continuidade de estudos descritivos; (iii) criação de um programa de Linguística aplicada, pois não basta documentar as línguas; orientações sobre o ensino delas são necessárias; (iv) investimento em recursos para maior participação dos indígenas em Programas de Pós-Graduação, considerando a necessidade de serem formados linguistas indígenas; (v) criação de material didático nas línguas indígenas; (vi) oferta de educação bilíngue e diferenciada também para jovens e adultos; (vii) realização de concursos públicos para professores indígenas; (viii) acompanhamento pedagógico e formação continuada de professores indígenas.

Porém, para que essas e outras tantas necessidades sejam respondidas, considera-se ser imperativa a criação de um programa de política linguística nacional, que não apenas contemple ações em prol das línguas e culturas indígenas, mas que proporcione conhecimento aos não indígenas, inclusive no espaço acadêmico, pois se percebe que há muito desconhecimento sobre os povos indígenas, chamados na literatura de “ressurgidos” (quando eles preferem o termo *resistentes*). Dizem que a língua Kariri está morta, mas não é isso que Nhenety KX vê na sua aldeia. Por isso, ele reafirma a necessidade de mais pesquisas, somadas à abertura de estudiosos para compreenderem os fenômenos pelos quais passaram as línguas de diversos povos, como os do Nordeste brasileiro. Sem a valorização dos povos indígenas, sem investimento do Estado para fazer valer seus direitos linguísticos e educacionais, a existência das línguas e dos saberes indígenas continuarão ameaçados.

3. Nek'i e seu protagonismo no fortalecimento etnolinguístico Mawé^{xiii}

Nek'i é automeação indígena de José de Oliveira dos Santos Silva, um importante pensador, pesquisador, musicista e comunicador do povo Mawé (ou Sateré-Mawé). É licenciado em Educação Escolar Indígena, com ênfase em Letras e Artes, pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e atua na educação escolar do seu povo como professor de língua e cultura. Além disso, contribui com a gestão escolar da aldeia Simão^{xiv}, onde reside.

Visibilizando o protagonismo indígena: um esboço do trabalho de Cíntia Guajajara, Nhenety Kariri-Xocó, Nek'i Sateré-Mawé e Júlio Kamêr Apinajé

Nek'i tem muita experiência em ações de fortalecimento etnolinguístico Mawé. Já participou de vários projetos com essa finalidade, dentre eles: (1) elaboração de uma gramática (*Satere Mawe Pusu Aǵkukaǵ* - “Gramática da língua Sateré-Mawé”) e de um (2) dicionário (*Satere Mawe Pusu Ahyt Okhik* - “Conjunto de palavras Sateré-Mawé”) monolíngue em Mawé (ambos financiados pela Fundação de Amparo à pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM); (3) ações de fortalecimento da língua e das artes Sateré-Mawé (projeto “Revitalização da língua e das artes tradicionais Sateré-Mawé”, financiado pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância – UNICEF); (4) elaboração de um “Projeto Político Pedagógico Sateré-Mawé - PPPSM” (financiado pelo Ministério da Educação - MEC); (5) criação de uma rádio comunitária na T.I Andirá-Marau (financiado pela Diocese de Parintins/AM). Em todos os projetos, ele destacou-se e destaca-se em conhecimento e reflexão sobre sua língua e cultura, assim como na coordenação e liderança das atividades.

A participação ativa de Nek'i nos projetos de construção da gramática e do dicionário Sateré-Mawé - que resultaram em dois livros, dos quais é um dos autores - proporcionou-lhe acesso à ciência linguística. E esse conhecimento que, a princípio, o ajudou a refletir sobre o funcionamento da língua nativa, despertou-lhe, também, o crescente interesse em se especializar nessa área. Pretende se tornar um linguista^{xv} com diploma, pois, segundo ele, só assim poderá receber um melhor reconhecimento e ter acesso a processos seletivos para a academia.

Os projetos “Revitalização da língua e das artes tradicionais Sateré-Mawé” e “Elaboração de um Projeto Político Pedagógico Sateré-Mawé” foram os que exigiram maior protagonismo e liderança de Nek'i, pois foram criados, aprovados e implementados quando coordenou a Organização dos Professores Indígenas Sateré-Mawé dos rios Andirá e Waikurapá (OPISMA). Mas ele não estava sozinho, contou com apoio de diversos(as) indigenistas, principalmente, das professoras assessoras Dulce Franceschini (coordenadora adjunta dos referidos projetos) e Denize Carneiro (assessora técnica). O projeto de revitalização teve como objetivo fortalecer a Língua Sateré-Mawé (oral/escrita), os saberes e as práticas tradicionais junto aos mais jovens, promovendo a valorização cultural. Assim, foram realizadas cerca de 16 oficinas de artes tradicionais: de cerâmica (panelas, potes e outros); de rede de algodão; de tecelagem (cestos, tipitis, peneiras, vassouras e outros); oficina de histórias mitológicas e cantos tradicionais e oficinas linguísticas. Também foram realizados diversos encontros - para professores,

tuxauas/caciques, mulheres, jovens, agentes de saúde -, todos com foco na valorização dos saberes e fazeres do povo e na discussão de soluções para os problemas que enfrentavam (Silva, Franceschini e Carneiro, 2009). Essas atividades foram coordenadas e organizadas pelos próprios indígenas, com a liderança de Nek'i e o apoio das referidas assessoras. O “Projeto Político Pedagógico Sateré-Mawé” foi criado com o objetivo de aprofundar a reflexão sobre a escola formal para essa sociedade e sistematizar, em forma de PPP, o resultado das reflexões e discussões, tendo em vista a emancipação e a autonomia desse grupo, frente ao projeto assimilacionista^{xvi}, ainda bastante forte no Brasil. É importante mencionar que já havia um PPP elaborado com a participação de educadores Mawé, no entanto, quase não era utilizado como base norteadora nas escolas das aldeias, talvez, porque havia necessidade de maior compreensão da sua função, do seu conteúdo ou de contemplar, de forma mais específica e detalhada, os saberes e as práticas do povo. O fato é que essa escola emancipadora, diferenciada e específica (como prevê a CF de 1988), continua em construção e os desafios e as necessidades, compartilhados por esses povos, são muitos (conforme já expôs Nhenety KX, no item anterior).

Dando continuidade ao trabalho de fortalecimento etnolinguístico Mawé, Nek'i agora protagoniza o projeto de criação de uma rádio comunitária, na T.I. Andirá-Marau (com participação ativa do missionário italiano Henrique Uggé^{xvii}), denominada Sateré-Ty (“mãe do sateré”). Nek'i é o presidente da associação dessa rádio e também contribui como produtor de conteúdo, sendo um dos locutores. A rádio foi inaugurada em dezembro de 2021 e apresenta uma programação bilíngue, com conteúdo diversificado, como: utilidade pública, saúde, educação, natureza, religião, língua, identidade e cultura Mawé e notícias sobre outros povos indígenas. O uso das línguas depende do assunto. Se relacionado ao universo Mawé, usa-se a língua materna, se relacionado ao universo externo, usa-se o português e, em alguns casos, usam-se ambas as línguas. Nek'i deseja que as informações que chegavam aos Mawé apenas pelo rio (pelos barcos), e que agora chegam pelo ar (pelas antenas) sejam cada vez mais transmitidas na sua língua. No entanto, esse projeto ainda carece de recursos financeiros para melhorar as condições de trabalho e de produção de material/produtos de que a rádio necessita. O investimento é necessário, por exemplo, para investir em energia solar, devido à carência do serviço de energia elétrica nas Terras Indígenas; para produzir músicas na língua Sateré-Mawé (que por sinal tem diversos compositores), para a contratação de recursos humanos e, assim,

ter condições de enriquecer a programação, contribuindo, de fato, com o fortalecimento e a emancipação do povo.

Além disso, nosso protagonista é conhecido pelo seu tom artístico, no traquejo com a música. Ele é cantor e autor de mais de 30 músicas compostas em sua língua. Algumas foram criadas com fins didáticos, como a música *Uity atikuap*^{xviii} (“Minha mãe já sei um pouco”) cantada no Fórum Bilinguismo Indígena no Brasil. Um dos seus grandes desejos é ter condições de um dia poder produzi-las para que ganhe maior repercussão entre o seu povo.

Essas informações relatam, sucintamente, o potencial e a inteligência que Nek'i representa. Seu compromisso com o seu povo e suas estratégias de luta fazem jus à sua autonegação indígena. Nek'i é um ser de uma das mitologias Mawé, na mitologia em questão há a figura de um homem que foi excluído pela comunidade, abandonado para ser comido por um animal devorador de gente (espécie de onça), a que todos temiam. Porém, em vez de ter sido comido, Nek'i venceu-o e ainda salvou seu povo desse animal. Ele venceu-o com a ajuda do seu amigo Awaru (um papagaio falante e inteligente), que o avisou quando a onça estava vindo. Nek'i usou sua sabedoria e armou uma estratégia para matar a onça. Preparou uma bebida e deu de beber a ela, fazendo-a cair em sono profundo, permitindo que a matasse, salvando a si mesmo e ao seu povo da extinção. Ele diz que se sente como esse homem da mitologia, pois muitos aspectos da sua cultura estão sendo “devorados” - pela homogeneização cultural, pelo preconceito, pela negligência do Estado, pelo desrespeito aos direitos indígenas, entre outros - e, se o povo não traçar estratégias para se autodefender, a língua e muitos saberes serão extintos. Por isso, escolheu ser Nek'i, aquele que, apesar de não receber o devido reconhecimento, a devida compreensão, preocupa-se e age em benefício do seu povo (Informação oral, no âmbito desse trabalho).

4. Júlio Kamêr e a Educação Panhĩ

Júlio Ribeiro Kamêr é uma grande referência na musicalidade e na Educação Panhĩ (“ser humano/gente”). Panhĩ é o etnônimo de autoidentificação do povo, mais conhecido por Apinajé (ou Apinayé) do Tocantins (TO). Ele é graduado em Educação Intercultural pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e mestre em Antropologia Social pela mesma universidade. Lecionou por 10 anos na Escola Indígena Tekator da aldeia Mariazinha^{xix} e,

atualmente, assume a função de técnico pedagógico da educação indígena da Diretoria Regional de Educação de Tocantinópolis (DRET-TO).

Como os demais protagonistas indígenas aqui apresentados, Júlio carrega uma bagagem de experiências sobre o fortalecimento etnolinguístico Panhĩ. Ele diz, de acordo com a cosmologia do seu povo, que os conhecimentos/saberes (referindo-se a toda movimentação e aos hábitos do mundo vegetal e animal) “estão expostos na natureza” e que a língua é o meio de acessar e de expressar esses conhecimentos. Além disso, o saber a língua (habilidade de fala) permite conhecer como seus ancestrais viviam. Então, a língua é uma forma de manter viva a tradição (Kamêr, 2022). Desse modo, os Apinajé expressam suas cantorias por ela, bem como por narrativas sobre conhecimentos diversos: botânico, espiritual e outros. Nos últimos tempos, em que as línguas indígenas brasileiras passaram a contar com sistemas de escrita, os conhecimentos Panhĩ também são expressos na modalidade escrita, documentando os saberes orais que podem ser escritos^{xx} (Ribeiro Apinajé, 2019; Kamêr, 2022). A metodologia para o conhecimento vem do ato de ver, ouvir e, com o registro escrito, “analisar a própria ciência [Panhĩ]”. Isso, segundo ele, ajuda muito na compreensão da sabedoria atual do seu povo (kamêr, 2022).

Júlio tornou-se pesquisador ouvindo relatos e histórias sobre sua cultura, contados por seus pais e avós, quando ainda era bem jovem, mas a academia também o ajudou. O Núcleo de Educação Intercultural *Takinahaky* (“grande estrela”), da UFG, contribuiu para a sua formação como educador e para se tornar um estudioso da cultura Panhĩ, incluindo o aprendizado das músicas sobre temas diversos, a exemplo dos relacionados com problemas que ameaçam o território, como queimadas, invasões ilegais, entre outros. (Kamer, 2020).

Ele coordena importantes projetos, cujos objetivos são fortalecer etnoconhecimentos Panhĩ (Apinajé). Dentre eles, está o projeto *Grernhõxwýnh Nywjê: fortalecimento da cantoria entre os jovens nos rituais Apinajé*. Como o subtítulo evidencia, ele trata da valorização dos saberes tradicionais do povo junto aos jovens por meio dos cantos nativos. As atividades desse projeto deram origem à coleção de livros *Alfabecantar: cantando o Cerrado vivo*, a qual conta com a autoria de diversos indígenas, inclusive dele.

Segundo Pimentel da Silva:

A coleção *Alfabecantar: cantando o Cerrado vivo* é dedicada aos docentes indígenas e não indígenas da educação básica. Seu objetivo é abrir espaços para o diálogo, superar desafios e vencer obstáculos, por meio da construção de uma

Visibilizando o protagonismo indígena: um esboço do trabalho de Cíntia Guajajara, Nhenety Kariri-Xocó, Nek'i Sateré-Mawé e Júlio Kamêr Apinajé

proposta pedagógica intercultural crítica. Através dela é possível questionar a colonialidade presente na sociedade e na educação, promover na escola o reconhecimento da diversidade de saberes, o diálogo entre diferentes conhecimentos, favorecendo processos de construção coletiva na perspectiva de projetos para o bem viver. (In Kamer, 2020, prefácio da obra)

Os “desafios” e os “obstáculos” presentes na escola não podem ser ignorados. Devem ser considerados desde a alfabetização, proporcionando, aos alunos, opções de materiais que os levem a “experimentar as mesmas sensações de alegria e de prazer vividos por qualquer criança que descubra a magia e o encanto das aprendizagens em sua comunidade”. A música é, portanto, uma rica estratégia didática nesse processo, além de contribuir com a interculturalidade e com o enriquecimento mútuo dos atores envolvidos nesse fazer pedagógico (Pimentel da Silva In Kamer, 2020, vide prefácio).

Para Júlio, “nada está sozinho, tudo está conectado [no mundo]”. Nesse sentido, o processo de ensino e aprendizagem não deve se restringir ao espaço da sala de aula. “Deve sair da caixinha (...), se libertar, sair para o pátio para assistir uma reunião, caminhar pelo cerrado, interagir com a água, com as caças e com as roças” (Associação União das Aldeias Apinajé-Pempxà, 2018, sem página). Ele chama atenção para o território como fundamental no processo de conexão com a vida, com os saberes do seu povo (Kamêr, 2022). Isto evidencia a íntima relação entre língua e território para os povos indígenas.

Ele exemplifica essa conexão a partir dos saberes tradicionais que orientam a organização do povo, expressos por meio de rituais, conforme sua explicação:

na divisão entre metades como Wanhmê e Katàm (metades ligadas às corridas de tora), Kooti e Koore (nomes dados aos filhos do Sol e Lua, respectivamente) e cujos membros são afiliados às metades através dos nomes pessoais. Nossos modos próprios de aprendizagem têm relação com a cosmovisão de nosso povo. Segundo a tradição Panhĩ, foram Sol e Lua, os dois demiurgos Apinajé, que trouxeram os conhecimentos e o modo próprio de viver a sabedoria Panhĩ. Atualmente, entretanto, apenas algumas partes de nossa cultura são praticadas como gôhtàx ho mẽ ôkrepôx (cantoria de maracá), mẽ àmnênh (ritual de ordem), Pàrkapê (ritual de tora grande para finalização de luto) e, poucas vezes, o Ôhô (ritual de corrida entre dois grupos que disputam na rua radial da aldeia) e cerimônia de casamento. (Ribeiro Apinajé, 2019, p. 32)

Os rituais e as cantorias carregam significados muito importantes para o povo. A “Corrida da Tora de Buriti”, por exemplo, não é uma simples corrida, é um dos rituais que mantém, na tradição Apinajé, ações coletivas para a manutenção da cultura, interligando a língua a esse universo cosmológico: “Normalmente, após corrida de tora se faz a cantoria

no pátio e nesta há jovens expressando seu conhecimento da cultura, acompanhando o cantador cantando as músicas da tarde após chegarem com a tora no pátio” (Ribeiro Apinajé, 2019, p. 73). A tora ser da árvore do Buritizeiro não é aleatória. Para os Panhĩ, “[o] Buriti simboliza a vida”, pois a localização onde nasce é próxima de rios e lagos, de locais onde há *água*, elemento que simboliza vida nessa cultura.

Infelizmente, como menciona Júlio na citação acima, alguns rituais estão enfraquecidos, deixando de ser praticados. Para reverter esse processo e fortalecer o “ser Panhĩ”, ele entende que a base da educação deva ser a cosmologia do povo, o conhecimento ancestral, enunciado na língua materna. Considera que um dos principais desafios que impactam negativamente esse fortalecimento diz respeito à formação dos professores, anteriormente alfabetizados em português, sem ter recebido formação na e sobre a língua nativa. Apesar disso, a resistência indígena pulsa e as mudanças começam a acontecer. Já há professores conhecedores da língua dos Panhĩ que realizam discussões e reflexões sobre o seu uso, que orientam a prática do seu ensino e, aos poucos, as pronúncias e a construção dos enunciados, de forma adequada (segundo os conhecedores), passam a aparecer.

Outra forma dos Panhĩ fortalecerem-se frente à cultura hegemônica é que os indígenas assumam cada vez mais suas “organizações sociopolíticas e socioculturais internas e externas, em suas relações com a sociedade não-indígena” (Ribeiro Apinajé, 2017), o que Júlio vem fazendo, não sem desafios, na Diretoria Regional de Educação de Tocantinópolis (DRET-TO). A participação dos indígenas nas questões e decisões do que lhes diz respeito é de fundamental relevância para a desconstrução da concepção sistemática e hierárquica do Estado que, na prática, impõe suas normas à educação (Ribeiro Apinajé, 2019). É imperativo respeitar o direito à autonomia indígena garantida na legislação brasileira. A construção dos Projetos Políticos Pedagógicos das escolas que contemplem a cosmologia dos povos, com seus saberes e práticas, como anseiam, é um direito dos povos indígenas e um dever do Estado.

5. Considerações finais

Nossa proposta, neste trabalho, foi a de visibilizar estratégias e ações de fortalecimento etnolinguístico de povos originários brasileiros, a partir de vivências de quatro indígenas, que são pensadores, pesquisadores e intelectuais das ciências e das

Visibilizando o protagonismo indígena: um esboço do trabalho de Cíntia Guajajara, Nhenety Kariri-Xocó, Nek'i Sateré-Mawé e Júlio Kamêr Apinajé

práticas tradicionais dos seus povos: Cíntia Guajajara, Nhenety Kariri-Xocó; Nek'i Sateré-Mawé e Júlio Kamêr Apinajé.

A inspiração que nos levou a realizá-lo foi o fórum *Bilinguismo Indígena no Brasil*, coordenado por uma de nós. Esse evento focalizou o bilinguismo e a diversidade linguístico-cultural dos indígenas do Brasil, assim como o seu protagonismo na criação de estratégias e na realização de ações de fortalecimento e autodefesa frente às ameaças advindas da homogeneização cultural e linguística, da carência de políticas linguísticas efetivas, dentre outros problemas que impactam, negativamente, a vida dos povos tradicionais.

Para elaborá-lo, lançamos mão de informações dadas no próprio fórum (em textos orais/escritos), de textos de autoria dos indígenas protagonistas, de textos (multimodais) de autores diversos que contemplam informações sobre seus trabalhos e informações contextuais sobre seus respectivos povos, além de informações orais, resultantes de nossa interação com eles. Suas trajetórias de trabalho são apresentadas em forma de relatos, dentre outros, evidenciando as experiências realizadas no âmbito da escola formal, com inovações em metodologias de alfabetização e práticas de sala de aula, embasadas em suas cosmologias; a transmissão intergeracional de saberes, de forma bonita e prazerosa, por meio de cantorias, rituais e artes tradicionais, além de ressignificações das novas Tecnologias da Informação e Comunicação, que os indígenas passam a usar também como ferramenta em prol do seu fortalecimento.

Embora os relatos de experiência (ou de vida/trajetórias) sejam tratados com certo desprestígio nas academias, os consideramos de grande valor, particularmente, quando se trata de vivências de pessoas que lutam por um propósito maior, como fazem Cíntia, Nhenety KX, Nek'i e Júlio, que lutam para fortalecer sua língua, sua cultura, sua identidade. Os relatos de experiência, conforme Domingo (2016), podem ser entendidos como meios de expressão de conhecimentos vivos, corporificados. Assim entendendo, a documentação por relatos faz um caminho inverso ao comum na investigação acadêmica, normalmente do teórico para o prático. Para documentar em relato, parte-se do vivido para uma possível teorização (Domingo, 2016). Expressar um pouco das vivências desses indígenas, repletas de sutilezas e belezas, mesmo que em poucas linhas, é, para nós, motivo de grande alegria. Uma alegria que, conforme Freire (1996, p. 53), “não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca”, contribuindo com o

nosso processo de ensino-aprendizagem, que também “não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.”

Dito isto, dispomos, nessas palavras finais, nossa expectativa de que cada vez mais possamos conhecer e valorizar o patrimônio linguístico e cultural brasileiro. Para isso, é necessário descolonizarmo-nos e ampliarmos nosso olhar para as belezas que a diversidade cultural permite-nos experimentar junto às populações originárias, com suas línguas e gracejos. É necessário também que apartemos as monoculturas das mentes (Shiva, 2003), que se revestem em ações exterminadoras de humanos e não humanos, e respeitar todos os povos, seus territórios e seus modos de vida. Além disso, esperamos que esse trabalho contribua de alguma forma para apoiar nossos protagonistas em suas trajetórias e inspirar muitos jovens indígenas a continuarem o trabalho de fortalecimento das nações indígenas do Brasil.

Referências

ASSOCIAÇÃO UNIÃO DAS ALDEIAS APINAJÉ-PEMPXÀ. **Educação Indígena:** professores, estudantes, pais, lideranças, anciãos, mulheres realizam a oficina 'saberes indígenas na escola' na aldeia São José. 19 nov. 2018. Disponível em: <<http://uniaodasaldeiasapinaje.blogspot.com/2018/11/educacao-indigena.html>>. Acesso em: 28 ago. 2023.

DOMINGO, José Contreras. Relatos de experiencia, en busca de un saber pedagógico. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica.** Salvador, v. 1, n. 1, jan-abr, 2016, p. 14-30.

DUARTE, Fábio Bonfim et. al. (orgs.). **Coletânea de Narrativas Guajajara.** 1ª ed. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GUAJAJARA, Cíntia. Cantando para não esquecer: a língua Guajajara e seus Rituais Sagrado. Fórum de debates Bilinguismo indígena no Brasil. Universidade Estadual da Bahia. **Evento online,** 19 mai. 2022. Vídeo (1h47). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HHBLsT7Y878>>. Acesso em: 15 ago. 2023.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). **Povos Indígenas no Brasil:** Apinajé. [s.d.]. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Apinaj%C3%A9>>. Acesso em: 27 ago. 2023.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). **Povos Indígenas no Brasil:** Guajajara. [s.d.]. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guajajara>>. Acesso em: 26 ago. 2023.

Visibilizando o protagonismo indígena: um esboço do trabalho de Cíntia Guajajara, Nhenety Kariri-Xocó, Nek'i Sateré-Mawé e Júlio Kamêr Apinajé

KAMÊR, Júlio Ribeiro. Educação Panhĩ Apinajé. In: Fórum de debates Bilinguismo indígena no Brasil. Universidade Estadual da Bahia. **Evento online**, 11 jun. 2022. Vídeo (1h00). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RRXWZr27Ax4&t=1630s>>. Acesso em: 15 ago. 2023.

KAMER, Júlio Ribeiro. **Gernhõxwỳnh Nywjê**: fortalecimento da cantoria entre os jovens nos rituais Apinajé. Rio de Janeiro: Pachamama, 2020.

KARIRI-XOCÓ, Nhenety KX. O devir de tradicionalista: “o guardião da língua e da tradição KX. In.: Fórum de debate: Bilinguismo indígena no Brasil. Universidade do Estado da Bahia. **Evento online**, 17 mai. 2022. Vídeo (1h28). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZhlU7BeLYpw>> . Acesso em: 15 ago. 2023.

KARIRI-XOCÓ, Indiane et. al. A retomada da língua Kariri-Xocó. **Cadernos de Linguística**, v. 1, n. 3, p. 01. Rio de Janeiro: UFRJ, 2020.

KARIRI-XOCÓ, Nhenety KX. Kariri-Xocó Beté. **Blog de Nhenety KX**, 2019. Disponível em: <<http://kxNhenetyKX.blogspot.com/2019/07/kariri-xoco-bete.html>>. Acesso em: 25 ago. 2023.

PIMENTEL DA SILVA, Maria do Socorro. **Letramentos bilíngue em contextos de tradição oral**. Goiânia: PROLIND; FUNAPE, 2021.

RIBEIRO APINAJÉ, Júlio Kamêr. EDUCAÇÃO KUPÊ E COSMOLOGIA PANHĨ: DIFÍCIL RELAÇÃO? **Revista Articulando e Construindo Saberes**. Universidade Federal de Goiás. V. 2, n. 1. Goiânia: CEGRAF, 2017. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/racs/article/view/49009>>. Acesso em: 28 ago. 2023.

RIBEIRO APINAJÉ, Júlio Kamêr. **Mẽ ixpapxà mẽ ixàhpumunh mẽ ixujahkrexà ‘Território, saberes e ancestralidade nos processos de educação escolar Panhĩ’**. 2019. 129f. (Dissertação de mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, 2019.

SILVA, José de Oliveira dos Santos; FRANCESCHINI, Dulce do Carmo; CARNEIRO, Denize de Souza. Revitalização linguística e cultural Sateré-Mawé. **Anais do SILEL**, v. 1. Uberlândia: EDUFU, 2009.

SILVA, José de Oliveira dos Santos (Nek'i). Bilinguismo, função social e propostas/ações de fortalecimento das línguas Munduruku, Nheengatu Sateré-Mawé e Wai Wai. In: Fórum de debates “Bilinguismo indígena no Brasil”. Universidade Estadual da Bahia. **Evento online**, 06 jun. 2022. Vídeo (2h47). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7mg5HreeCfg>>. Acesso em: 20 ago. 2023.

SOARES, Rafael. Padre Henrique Uggé celebra jubileu de ouro sacerdotal. **Site Alvorada fm**. jun. 2020. Disponível em: <<https://alvoradaparintins.com.br/padre-henrique-ugge-celebra-jubileu-de-ouro-sacerdotal/>>. Acesso em: 27 ago. 2023.

SHIVA, Vandana. **Monoculturas da Mente**: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia. São Paulo: Gaia, 2003.

SUZART, Elizabete Costa. **Kariri-Xocó**: arquivos e práticas por uma cultura bilíngue. 2020. 200 f. (Dissertação de mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia, Alagoinhas, Bahia, 2020.

Notas

ⁱ O povo Guajajara ('donos do cocar' em Tupi-Guarani) é também conhecido como Tenetehára ('seres humanos verdadeiros'). É falante da língua Tenetehára. Soma uma população de 27.616 pessoas, habitantes de 11 terras indígenas no Maranhão (ISA, s.d.).

ⁱⁱ Povo que vive na aldeia Kariri-Xocó, situada no município de Porto Real do Colégio, Estado de Alagoas, com aproximadamente 1.200 indígenas (Suzart, 2020).

ⁱⁱⁱ Povo indígena (tronco Tupí) da Amazônia brasileira, com mais de 15 mil pessoas, habitantes da Terra Indígena Andirá-Marau, situada na divisa dos Estados do Amazonas e Pará. A língua nativa recebe a mesma denominação do povo.

^{iv} Povo indígena de língua e cultura Macro-Jê. Soma uma população de 2.277 pessoas que vivem em 45 aldeias da T.I. Apinajé, situada no norte do Estado do Tocantins (ISA, s.d.).

^v Lives disponíveis em: <https://www.youtube.com/c/P%C3%B3sCr%C3%ADticaUNEB>.

^{vi} Frase utilizada de forma recorrente por Cíntia Guajajara.

^{vii} Um instrumento musical muito difundido entre as comunidades indígenas no Brasil. É uma espécie de chocalho feito por uma cabaça e preenchido por pedrinhas ou sementes.

^{viii} Significa "tradição" em Tupí Antigo (Suzart, 2020).

^{ix} Pesquisa também as variantes do Kariri: a Dzubukuá e a Kipeá, além do Tupí Antigo.

^x Dentre os trabalhos escritos ressaltamos um artigo de Nhenety KX KX em coautoria com Indiane Cruzá KX, Thea Pitman e Diane Nelson, que documenta um pouco das experiências relacionadas ao ensino e estudo da língua nativa (Kariri-Xocó et al., 2020).

^{xi} Dentre as diversas atividades, Nhenety KX dedica-se ao ensaio dos cantos nativos que são apresentados em escolas, universidades e eventos de Salvador/BA e região metropolitana desta cidade.

^{xii} Significa "esperança da terra" em Fulni-ô.

^{xiii} Relato baseado em falas de Nek'i, durante o Fórum Bilinguismo Indígena no Brasil (2022) e em informações adivindas do nosso convívio com ele e com seu povo.

^{xiv} Localizada no Médio rio Andirá, município de Barreirinha/AM, com cerca de 500 habitantes.

^{xv} Atualmente, Nek'i cursa mestrado em linguística na Universidade de Brasília (UnB).

^{xvi} Perspectiva que entendia os indígenas como categoria social a ser assimilada à sociedade nacional por um processo simultâneo de abandono da sua língua e cultura ancestral e aquisição da língua e cultura dos colonizadores portugueses.

^{xvii} Padre do Pontifício Instituto das Missões Exteriores (PIME), que trabalha na Amazônia (Diocese de Parintins/AM) há cerca de 40 anos, atuando principalmente junto aos Sateré-Mawé do rio Andirá, região que integra a Terra Indígena Andirá-Marau (Soares, 2020).

^{xviii} Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7mg5HreeCfg>.

^{xix} Uma das aldeias mais antigas e grande referência entre os Apinajé.

^{xx} Pimentel da Silva (2012), com base em Sinvaldo Karajá, esclarece que na oralidade das línguas indígenas há segredos que não podem ir para o papel. Não respeitar essa orientação é violência cultural. É preciso respeitar o lugar das palavras no contexto cultural para que elas não percam sua significação.

Sobre as autoras

Elizabete Costa Suzart

Doutoranda no Programa em Crítica Cultural (DLLARTES) pela Universidade do Estado da Bahia-UNEB-CAMPUS II - Alagoinhas-BA. Mestra em Crítica Cultural pelo mesmo programa e mesma universidade. Dedicou-se à pesquisa etnolinguística do povo Kariri-Xocó (AL). Pesquisadora do Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas (LALLI/UnB). E-mail: bsuzart17@gmail.com; Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7354-8216>.

Denize de Souza Carneiro

Doutoranda em Linguística no Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL), do Instituto de Letras (IL), da Universidade de Brasília (UnB). Mestra em Linguística pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professora na Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). Dedicou-se à pesquisa etnolinguística do povo Sateré-Mawé (AM/PA). Pesquisadora do Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas (LALLI/UnB). E-mail: denizesc10@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0980-8359>.

Recebido em: 01/02/2024

Aceito para publicação em: 02/04/2024